



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

## **CAPITAL LINGUÍSTICO E VIAGEM INTERNACIONAL: uma análise da importância da competência linguística enquanto um bem-simbólico<sup>1</sup>**

**Cássio Mercier Ramos<sup>2</sup>**

**Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo**

### **Resumo**

Este artigo é um recorte de um projeto de iniciação científica finalizado em 2017-2 pelo autor, que teve por objetivo investigar a importância da competência linguística enquanto bem-simbólico para brasileiros em viagens internacionais. Para tanto, embasou-se nos conceitos de capital cultural e linguístico desenvolvidos por Pierre Bourdieu (1979) e de competência linguística por Noam Chomsky (1965). A pesquisa foi conduzida seguindo a metodologia de análise de discurso aplicada aos episódios do programa televisivo “O Mundo Segundo os Brasileiros”, tendo a análise dos resultados apontado para a centralidade da competência linguística na aquisição da independência dos viajantes, inclusive quanto à sua mobilidade.

**Palavras-chave:** Capital Cultural; Capital Linguístico; Competência Linguística; Viagem Internacional.

### **Introdução**

A pesquisadora e linguista brasileira Renata Archanjo em seu texto sobre mobilidade acadêmica e política linguística no Brasil (2016) aponta que a globalização aumentou a importância da comunicação global, assim ressaltando o papel das línguas na vida social contemporânea. Para ela, os recursos linguísticos são bagagem necessária para mover-se através dos espaços cada vez menos limitados por barreiras restritivas (Archanjo, 2016). Segundo a autora, a mobilidade está dando margem a novos fluxos de “migrantes em circulação” que estão reconfigurando a demografia de cidades, e especialmente de metrópoles, fazendo surgir um complexo cenário urbano, social, étnico e linguístico de super-diversidade (Vertovec, Blommaert, Backus, Rampton apud Archanjo, 2016).

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no 3º Encontro de GTs de Graduação - Comunicon, realizado no dia 10 de outubro de 2018.

<sup>2</sup> Graduado em Comunicação Social pela ESPM sp. Foi bolsista PIBIC por duas vezes consecutivas em um período que compreendeu desde Agosto 2015 até Julho 2017. E-mail: cassiomr123@gmail.com



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Apesar de o Brasil dispor de frágil política de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, há crescente compreensão entre os jovens e respectivas famílias da importância da competência linguística em um mercado de trabalho em crescente processo de internacionalização. Resultados de pesquisa realizada por Lima e Riegel (2010), com o fim de conhecer as motivações que justificam o crescente interesse da população estudantil por programas de formação internacional, apontam que a maioria dos estudantes entrevistados (91%) optou por estudar inglês, quando teve oportunidade de participar de um programa de mobilidade acadêmica internacional. O crescente número de cursos de idioma oferecido no formato presencial e virtual, pago e de livre acesso, reforça o que se deseja chamar atenção.

É importante reiterar, contudo, que apenas o fato de estar inserido nesse ambiente global e “multilinguístico” não significa que os indivíduos de uma sociedade terão acesso de forma igualitária ao conhecimento disponível e acumulado (Archanjo, 2016). Portanto, possuir conhecimento modifica extensamente as experiências e capacidades de um agente inserido nesse contexto. Isso pode ficar ainda mais evidente em se pensando viagens internacionais. Afinal, sem o devido acúmulo de conhecimentos prévios sejam culturais, linguísticos ou sociais o torna quase inviável e, em alguns casos, até mesmo perigoso engajar em projetos de mobilidade. Ao aprofundar a questão da língua, Bourdieu (1991) assegura que mais do que uma ferramenta comunicativa, ela corresponde a um dos mecanismos de poder utilizados pelos falantes. Isso se dá tanto no sentido de apontar diferentes relações sociais existentes entre indivíduos de determinada sociedade, quanto em conceder vantagens ou desvantagens aos mesmos, dependendo de sua variante linguística.

É nesse âmbito que se acredita que seja possível entender a competência linguística dos brasileiros em viagem internacional como um fator que pode exercer influência em suas experiências de viagem. Assim, o presente artigo, através da análise de discurso de episódios do Reality Show “O Mundo Segundo os Brasileiros”, objetivou compreender: As situações no programa em que a língua se apresenta como capital de troca; Até que ponto a experiência de viagem dos brasileiros é efetivamente afetada por suas competências linguísticas; E o valor que os brasileiros atribuem às competências linguísticas em suas experiências de viagem pensando, inclusive, em termos de mobilidade.

### **Recursos Teóricos**



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Chomsky (1965) define competência linguística como sendo a capacidade de um falante de produzir um número teoricamente infinito de frases gramaticalmente coerentes. O autor, entretanto, diferencia esse conceito do de performance linguística afirmando que enquanto o primeiro se refere a um sistema de conhecimentos linguístico, o segundo se refere à aplicação de dado sistema linguístico na comunicação. Para compreender melhor tenhamos a visão de Kristin Denham e Anne Lobeck (2010), para os quais é possível aproximar o conceito de performance linguística proposto por Chomsky ao que Saussure nomeia parole, que seria tudo aquilo que produzimos enquanto linguagem. A diferença entre competência e performance pode ser melhor ilustrada por pequenos deslizes na fala como confundir “espalha a rama” com “esparrama”. Esses deslizes não significam necessariamente que o falante não domine a língua falada, mas que pode ter cometido um erro por distração, cansaço etc. Sendo assim, ilustram a diferença entre competência (conhecimento) e performance (aplicação) (Denham e Lobeck, 2010).

Em mais de um texto, Bourdieu (1979; 1996) reconhece a língua como uma das formas de explicar o conceito de capital cultural. Mas o que o autor deseja expressar quando se refere a aspectos culturais como forma de capital? Bourdieu (1979) explica essa ideia resgatando a dinâmica de funcionamento do sistema educacional francês. Nas instituições escolares, assegura ele, os alunos oriundos de famílias com elevado poder aquisitivo alcançam desempenho escolar médio mais alto do que os alunos pertencentes a famílias mais pobres, uma vez que têm um acesso facilitado, através da família, à cultura dominante contemplada nos desenhos curriculares. Ele explica ainda que quando diferentes expressões culturais como arte, língua, ritos etc. adquirem valores de mercado dentro de determinada sociedade, elas se transformam em “bem-simbólico” (Bourdieu, 1974).

Bourdieu (1991) também discute o conceito de language market que, como o termo sugere, corresponde a uma espécie de relação econômica na qual certas capacidades de linguagem possuem mais valor de troca que outras. Torna-se evidente que essas ideias do autor conversam com o que foi discutido na introdução, no momento em que se abordou a sociedade do conhecimento descrita por Archanjo (2016), em que o conhecimento está distribuído de forma desigual e, portanto, adquire valores diferentes, dependendo de como for priorizado e, principalmente, por quem for priorizado. O conceito de distinção (Bourdieu, 1979) também ajudará na compreensão do fenômeno uma vez que se refere ao reconhecimento advindo de diferentes formas de acumulação do capital simbólico.



Em outras palavras, a língua representa um capital no sentido em que os falantes de línguas socialmente valorizadas apresentam “vantagens”, quando comparados aos falantes de línguas socialmente pouco valorizadas – a exemplo do Inglês e do Português. Compreensivelmente, o domínio da língua culta, por exemplo, representa um símbolo de distinção (Bourdieu, 1991) particularmente apreciado pelos ambientes acadêmico e profissional, na medida em que amplia as redes de contato e influência dos falantes (Phillipson, 1992). É através de sistemas de inclusão e exclusão que Bourdieu (1979) explica esse funcionamento da disparidade da formação linguístico-cultural tornar-se uma forma de capital. O autor vai mais longe no texto sobre a economia das trocas linguísticas (1996) ao assegurar que as competências linguísticas, ou seja, o conjunto de conhecimentos linguísticos de um falante de determinada língua, fazem parte desse capital linguístico, conforme evidenciado em:

“O futuro da língua é comandado pelo futuro dado aos instrumentos de reprodução do capital linguístico (por exemplo, o francês ou o árabe), isto é, entre outras coisas, ao sistema escolar; o sistema de ensino só é um espaço de luta tão importante porque ele tem o monopólio da produção em massa de produtores e de consumidores – o monopólio, portanto, da reprodução do mercado de que depende o valor da competência linguística e sua capacidade de funcionar enquanto capital linguístico” (Bourdieu, 1996, p.10).

Robert Phillipson (2008), da Copenhagen Business School investiga a difusão da língua inglesa e os seus efeitos. O autor chama atenção para o fato de que toda vez que o inglês se sobrepõe a outra língua, os falantes da língua inglesa, seja como primeiro ou segundo idioma, acumulam capital linguístico em detrimento dos outros que veem seu idioma original perder parte de sua função de comunicação (Phillipson, 2008). Para o autor, a visão de que o inglês poderia se constituir uma língua franca equivale a assumir uma espécie de neutralidade linguística. A língua inglesa, como qualquer outra, é repleta de amarras culturais, portanto, é incapaz de servir a todos os seus usuários de maneira equável (Phillipson, 2008, p.338).

Archanjo (2015) corrobora com a discussão ao afirmar que “a competência de se comunicar em várias línguas pode ser também considerada uma mercadoria, um bem de consumo que interfere na cadeia produtiva de outros bens de consumo” (Archanjo 2015, p.625). Entretanto, no mesmo texto, a autora afirma que a proficiência em uma língua estrangeira não pode ser pensada enquanto um produto que se possa comprar pronto e acabado, mas que implica uma ação processual de aprendizagem (Archanjo, 2015).



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

## Recursos Metodológicos

Tendo em vista os recursos teóricos acima expostos, justifica-se a proposta da pesquisa em conhecer a importância da competência linguística enquanto bem-simbólico, conforme as ideias de Bourdieu, para brasileiros em viagens internacionais. O presente artigo representa um recorte do relatório de pesquisa concluído em 2017. A versão original contemplava uma coleta de dados qualitativos e quantitativos, porém frente à limitação do número de páginas, optou-se por trabalhar aqui apenas com os dados quantitativos referentes a uma análise de discurso dos brasileiros que participaram do reality show “O Mundo Segundo os Brasileiros”. O programa é caracterizado por conter narrativas de brasileiros que apresentam pontos de interesse de diferentes cidades do globo. Como seria inviável trabalhar a totalidade dos episódios, fez-se necessário dispor de critérios que justificassem a seleção daqueles que passaram a integrar o corpus da investigação.

Dado o interesse da pesquisa em trabalhar a competência linguística dos brasileiros em viagem, parece oportuno trabalhar com localidades que sejam menos “ocidentalizadas” e por isso mesmo exijam dos brasileiros elevada capacidade de exercitar essa habilidade. Foram escolhidos, portanto, apenas episódios de países africanos e asiáticos, mas que tivessem uma média alta de aceitação pelo público, expresso pelo número de visualizações contabilizadas pelo sítio Youtube. Obtendo-se, assim, 15 episódios, que envolveram a narrativa de 105 brasileiros durante 751 minutos de vídeo que foram devidamente transcritos.

No âmbito da investigação, pretendeu-se examinar, com base nas transcrições feitas, a relação existente entre discurso, o poder e a ideologia, assim visando compreender melhor a perpetuação de exclusões sociais baseadas em alguma forma de desvantagem como, por exemplo, baixa competência linguística. Para Michel Foucault (1998), a ordem do discurso deve ser entendida como uma construção alimentada de características sociais. Assim sendo, o contexto do discurso analisado provém da sociedade que o promove. Compreensivelmente, o contexto histórico, econômico, político, cultural e social corresponde à base de toda a estrutura textual das narrativas, englobando todo e qualquer elemento que possa imprimir sentido ao discurso (Foucault, 1998). Por isso mesmo, Fiorin (1990, p.177) esclarece que o discurso deve ser reconhecido tanto como “objeto linguístico”, quanto como “objeto histórico”.

Tendo tudo isso em vista, realizou-se uma análise de discurso das narrativas dos brasileiros nos episódios selecionados, seguindo, para tanto, o modelo exposto por Orlandi (2003). Primeiro



foram elaborados 4 eixos temáticos capazes de extrair do corpus assinalado o objeto discursivo de interesse para a pesquisa, foram eles: 1- Do Multilinguismo; 2- Da apropriação linguística; 3- Das dificuldades linguísticas; 4- Da troca linguística. Esse primeiro esforço de organização e extração da pesquisa é apelidado pelo autor de “de-superficialização” (Orlandi, 2003), pois retira da superfície do texto a sua formação discursiva para, em seguida, revelar a formação ideológica subjacente através de uma análise sócio-histórica. Essa análise constitui a segunda etapa do esforço e serviu de base interpretativa para os dados qualitativos coletados e expostos na sequência.

### **Descrição e Interpretação dos Dados Coletados**

A troca linguística, tema que foi central para a pesquisa, não pode ser compreendida sem que antes se perceba que a língua não é uma ferramenta neutra de comunicação. Conforme discutido por Arcanjo (2016, p.8), o controle dos recursos linguísticos implica no “controle a outros recursos como conhecimento, capital cultural, mobilidade e, em última instância mobilidade social”. São esses recursos listados pela autora que evidenciam a importância do eixo temático 3 (Das dificuldades linguísticas), que foi dedicado apenas às dificuldades que os viajantes do programa enfrentaram, decorrentes de um capital linguístico modesto. Para ilustrar o que se deseja chamar atenção, segue uma narrativa extraída do episódio de Maputo:

-- “Acho que eles estão falando em xichangana, que a língua oficial aqui de Moçambique é o português, mas eu acho que são identificadas mais de 40 línguas se eu não to errado. E aí tem o xichangana é uma delas, tem o Nhúngue, tem várias línguas. Para gente às vezes pode parecer tudo igual, mas é diferente. Eu não entendo nada, sei falar uma ou outra coisa, mas é difícil” (Episódio Maputo).

A narrativa acima ilustra uma situação interessante, vivenciada em Moçambique, onde há uma língua oficial, historicamente vinculada ao empreendimento colonial português, na região, e outros 40 idiomas tribais, utilizados pelos nativos desde períodos anteriores ao processo de colonização a que o país foi exposto. Em se pensando um falante de um desses idiomas tribais, o aprendizado do português é para ele de extrema importância, tanto na sua comunicação com os compatriotas de diferentes idiomas nativos, mas principalmente em sua vida civil formal. Partindo disso, e com a ajuda do Eixo 4 (Da troca linguística) pôde-se perceber que a língua assume papel de capital de troca toda vez que ela passa a ter, para além de sua função comunicativa, uma função simbólica fomentada por, conforme expôs Bourdieu (1974), sistemas de inclusão e exclusão. É



exatamente esse sistema que estava subscrito no episódio de Maputo, onde não eram os brasileiros que apresentavam dificuldades de comunicação, como costuma ser recorrente nos episódios, mas os próprios nativos que, por vezes, não tinham pleno domínio da língua portuguesa e precisavam se esforçar para aprender. Para que se tenha mais um exemplo, tome-se a passagem abaixo do episódio de Seul:

-- “Vamos encontrar a minha amiga, o nome dela é ‘Konga’ é meio difícil, mas eles sempre têm um nome americano. Por exemplo, o da minha amiga é Sienna, que ela escolheu esse nome pra facilitar.” (Episódio de Seul).

Partindo desse trecho apresentado acima, é possível depreender aquilo que Robert Phillipson (2008) afirmou ao tratar da difusão da língua inglesa no cenário internacional. O autor afirma, conforme já discutido nas lentes teóricas, que toda vez que o inglês se sobrepõe a uma outra língua, os falantes de língua inglesa acumulam capital linguístico. Isso é bastante perceptível ao analisar o exemplo referente ao episódio de Seul, onde a língua inglesa tomou tal destaque na sociedade Coreana que muitos que nela participam adotam nomes “Ocidentais” para facilitar a pronúncia aos estrangeiros. Mais uma vez indicando a extrapolação da função plenamente comunicativa da língua e a aquisição de uma função simbólica.

O Multilinguismo- termo que é utilizado por Archanjo (2016) para expressar o uso de vários idiomas, seja por um indivíduo ou por uma comunidade- esteve presente em muitas passagens dos episódios. Evidenciando, dessa forma, sua presença na vivência cotidiana de muitos desses brasileiros. O que se pode notar de interessante por intermédio das transcrições é que, aqueles protagonistas que narravam estarem intensamente imersos num ambiente multilinguístico pareciam adquirir uma forma de capital que não estava diretamente atrelado a uma língua específica, mas à comunicação de modo geral. Algo que é possível nomear de “capital comunicativo”. Essa forma de capital se diferencia do capital linguístico no sentido de que não está limitada a nenhuma forma idiomática da linguagem, assim sendo, não pode ser discutida em termos do language Market do qual trata Bourdieu (1991), mas sim à capacidade ou não de se fazer entender dentro de um espaço plurilíngue que surge como efeito do ambiente global, como discutido por Archanjo (2016). Para ilustrar o evidenciado, segue um extrato da narrativa retirada do episódio de Istambul.

-- “Esses garotos aqui são os meus amigos, normalmente quando eu venho eles sempre me acompanham no show, faz malabares junto comigo. A gente compartilha bons momentos, é bacana.



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Precisa de idioma pra fazer arte? Precisa de idioma? Precisa de nada não! Olha isso, é lindo! É lindo! A rua é fantástica” (Episódio Istambul)

O caso acima ilustrado é de um brasileiro que trabalha como artista de circo. Por consequência disso, ele viaja muito frequentemente, conhece diferentes partes do globo na companhia de sua equipe circense, composta das mais variadas nacionalidades. As decorrências desses fatos estão expressas na narrativa resgatada, sinalizando que com isso ele adquiriu uma capacidade comunicativa que está para além da expressão idiomática. As consequências disso tudo podem ser vistas, inclusive, quanto à identidade desses brasileiros, pois notou-se que eles passavam a se identificar mais e mais com o senso de cosmopolitismo. Uma das características desse fenômeno indenitário foi notada na elaboração do eixo 2 (da apropriação linguística), em que se tratou da apropriação vocabular ou fonética de certos termos que são corriqueiros no país visitado, porém estranhos para o brasileiro comum. Um dos pontos mais extremos dessa apropriação é a utilização, por uma brasileira, do pronome da segunda pessoa do singular ao se referir às estações do país estrangeiro. Indicando que a viajante já se sentia parte daquela cultura:

-- “Vamos sentar? Esse nosso inverno tá difícil de matar a minha sede” (Episódio Maputo).

A percepção da influência da competência linguística nas experiências de viagem dos brasileiros foi flagrante ao observar o seu senso de independência. Quando se tratava de alguém com baixo conhecimento linguístico notava-se, recorrentemente, que ele exaltava a importância de se ter contatos, amigos que te possam ajudar/orientar nos momentos de dificuldade. Muitos sequer saiam para fazer compras sem ter alguém ao lado a quem recorrer. Já aqueles que tinham reconhecida proficiência no idioma local, deslocavam-se com muito mais segurança, sem receio de não se fazerem entender, ou de que outros quisessem tirar-lhes vantagem. Isso fica muito claro em narrativas como a de Elnisson, extraída do episódio de Marrakesh, que ao visitar um mercado local, na busca de um pescado, na companhia de um nativo, afirma:

-- “Eu vou deixar o meu amigo, ele negociar, porque como ele é árabe...” (Episódio Marrakesh).

Elnisson não termina a frase, porém, na sequência explica a importância de sempre negociar os preços em Marrocos, afirmando que numa compra podem chegar a cobrar o dobro do valor dos produtos. Em outros episódios observou tendência similar, considerando, por exemplo, no episódio de Moscou, onde um brasileiro reclama da dificuldade de se deslocar pela cidade devido a sua falta





**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

de conhecimento da língua russa, reforçando, em seguida, a importância de andar sempre junto de sua namorada russa:

-- “Aqui é muito difícil achar os endereços, porque as ruas têm nomes muito difíceis. É muito fácil se perder aqui, então ela sempre me ajuda ela sabe tudo.” (Episódio de Moscou).

Assim, já se permite compor certo quadro que será de ajuda na compreensão da resposta do questionamento a respeito do valor atribuído pelos brasileiros à competência linguística, em suas experiências de viagem. Reiterando a afirmação de Archanjo (2016), trazida na introdução deste artigo, a globalização teria aumentado a importância da comunicação global. A partir disso, ressalta-se o papel das línguas na vida social contemporânea. Ainda em acordo com a mesma autora, os recursos linguísticos são bagagem necessária para mover-se através dos espaços cada vez menos limitados por barreiras restritivas. Esse maior aporte da língua na vida social é precisamente o que se observa nos dois exemplos assinalados acima. Neles observam-se as dificuldades pelas quais passam os brasileiros, quando estes têm baixa competência linguística no idioma oficial de países onde o português e o inglês detêm pouca, ou nula, força comunicativa. Essas dificuldades acarretam, inclusive, na exclusão, de certa forma, desses brasileiros da vida comum e independente naquela sociedade, tendo eles de recorrer a nativos para tarefas simples como deslocar-se e fazer compras.

Conforme foi afirmado anteriormente, é através de situações de dificuldades e facilidades, que a competência linguística adquire seu valor simbólico, fomentado pelos sistemas de inclusão e exclusão (Bourdieu 1974). Esses conceitos foram previamente trabalhados quanto à discussão da troca linguística. A sua reaparição aqui se deu por uma questão lógica, afinal o valor simbólico da competência linguística é precisamente o que sustenta a possibilidade de uma troca simbólica em termos linguísticos e comunicativos. Isso se apresenta nas narrativas dos brasileiros nas mais diversas situações, tanto no comércio, conforme visto pelo exemplo de Elnisson, quanto no trabalho, na socialização e, inclusive, na própria mobilidade. Nessa linha tem-se a citação a seguir retirada mais uma vez do episódio de Seul e explicada na sequência:

-- “Ah, e tem uma coisa que eu adoro que é isso aqui... tá sem crédito no celular? Chegar aqui, pega o telefone e liga pros coleguinhas de graça! É muito bom, sempre que eu chego em alguma estação e eu to perdida e não sei em que saída eu to, ligo pros meninos e eles me localizam.” (Episódio Seul).



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

A narrativa concerne a uma brasileira que, apesar de estar estudando na Coreia, não tem qualquer domínio da língua coreana. Em face disso, ao necessitar se deslocar pelo sistema público de transporte local, ela recorre de maneira frequente à ajuda de outros brasileiros, usando linhas públicas de telefone espalhadas pelas estações, sem as quais ela teria muita dificuldade de encontrar seu caminho. Em outro momento do episódio, essa mesma brasileira afirma utilizar-se apenas da rede de táxis “turísticos” que, apesar de mais cara, oferece taxistas que se comunicam em inglês. Revelando, assim, a dependência que ela tem com a língua inglesa, por tê-la como uma espécie de língua franca. Isso fica ainda mais evidente quando se leva em conta os trechos abaixo, o primeiro retirado do episódio de Dubai e o segundo do episódio de Hong Kong:

-- “Eu vim com um pouquinho de dúvida assim, porque eu cheguei a estudar inglês no Brasil, mas aquele inglês de cursinho, né, não tinha a menor prática em falar inglês, eu falei ‘meu Deus, como é que vai ser’” (Episódio Dubai).

-- “Esse daqui eu to com sorte que está em inglês, mas se não tivesse em inglês eu ia apontar, faz uni-duni-tê e o que bater na mesa a gente come. Se for algo muito estranho ai a gente pede outro” (Episódio Hong Kong).

### **Considerações Finais**

A pesquisa finalizada teve por objetivo compreender a importância da competência linguística enquanto bem-simbólico para brasileiros em situação de viagem internacional. O processo de investigação se levou em conta 15 episódios do reality show “O mundo segundo os brasileiros”, envolvendo narrativas de 104 brasileiros que contabilizaram um total de 751 minutos de vídeo. Tendo-se optado pela análise de discurso como método para alcançar os objetivos propostos, foram elaborados 4 eixos temáticos, que serviram de base interpretativa para as transcrições dos episódios assinalados.

Os resultados apontam que, que a língua corresponde a um capital de troca toda vez que ela passa a ter, para além de sua função comunicativa, uma função simbólica fomentada por sistemas de inclusão e exclusão. Possivelmente, a questão linguística tem aumentado em importância no contexto de um mundo cada vez mais globalizado. Tendo sido interessante, inclusive, a descoberta de uma forma de capital nomeada “capital comunicativo”, que se diferencia do capital linguístico no sentido de que não está limitada a nenhuma forma idiomática da linguagem. Não podendo ser, portanto, discutida nos termos do language Market, mas sim enquanto a capacidade ou não de se fazer entender



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

dentro de um espaço plurilíngue que surge como efeito do cosmopolitismo. As consequências da convivência nesses meios “multilinguísticos” puderam ser vistas, inclusive, quanto à identidade dos brasileiros, eles passavam a se identificar mais com uma identidade cosmopolita.

A influência da competência linguística nas experiências de viagem dos brasileiros foi positiva quando se leva em conta o senso de independência. Afinal, aqueles que apresentavam baixo conhecimento linguístico exaltavam a importância de se ter contatos, principalmente com outros brasileiros, capazes de ajudar em momentos de dificuldade. Esse fator advém do capital cultural como um todo, e não apenas do capital linguístico, mas este exerce um papel extremamente relevante, ainda mais para aqueles engajados em projetos de mobilidade de extensão mais longa, como é o caso dos brasileiros no programa.

O valor atribuído à competência linguística pelos brasileiros em viagem internacional é associado à relevância da língua na vida social contemporânea, ainda mais em se pensando os ambientes cosmopolitas. É através de situações de dificuldades graduais e escalonadas que as competências linguísticas adquirem valor simbólico, fomentado pelos já mencionados sistemas de inclusão e exclusão. Isso é percebido nos episódios, nas mais diferentes situações, tanto de comércio, como de trabalho, socialização e, inclusive, mobilidade. Afinal, sem o devido repertório cultural em geral e linguístico em particular, o engajamento em projetos de mobilidade internacional torna-se inviável e, em alguns casos, até mesmo perigoso. Isso fica ainda mais evidente com relação à dependência que brasileiros com baixa competência linguística no idioma nativo do país hospedeiro tinham do inglês.

### Referências

ARCHANJO, R. Globalização e multilinguismo no Brasil: competência linguística e o Programa Ciência sem Fronteiras. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada** – RBLA. Belo Horizonte, v. 15, n.3, 2015, p. 621-656.

BOURDIEU, P. **Les trois états du capital culturel**. Actes de la Recherche en Sciences Sociales. Paris, n. 30, nov.1979.

\_\_\_\_\_; **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 1996. Disponível em: <http://www.antropologias.org/files/downloads/2011/05/Pierre-Bourdieu-A-economia-das-trocas-simb%C3%B3licas.pdf>. Acesso em: 25/6/2017.

\_\_\_\_\_; MICEL S. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

\_\_\_\_\_; THOMPSON, J.B. **Language and symbolic power**. Harvard: Harvard University Press, 1991.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

DENHAM, K.; LOBECK, A. **Linguistics at school**: language awareness in primary and secondary education. Cambridge University Press, 2010.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1998.

LIMA, M.C.; RIEGEL, V. Motivações da mobilidade acadêmica entre estudantes do curso de Administração. **Revista Guavira-Letras**: Sociedade contemporânea – diversidade e multiculturalismo. Mato Grosso do Sul, v.1, n.10, jan./jul. 2010, p.180-199. <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/283/254>. Acesso em 10/10/2017.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2003.

PHILLIPSON, R. **Linguistic imperialism**. Oxford: Oxford University Press, 1992.

\_\_\_\_\_; **Lingua franca or lingua frankensteinia?** English in European integration and globalisationl. *World Englishes*, v.27, n.2, 2008: p.250-267. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-971X.2008.00555.x/abstract>. Acesso em 25/06/2017.